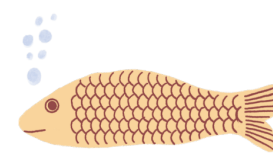
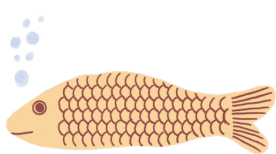
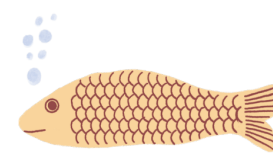
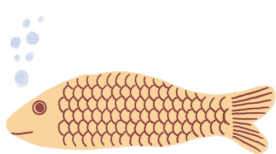


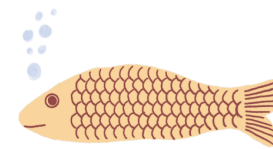
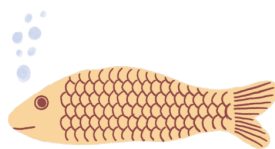
ProLEEI - PROGRAMA LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL PAUTA DETALHADA - ENCONTRO PRESENCIAL 3 (16h)			
Encontro presencial 3.1 - <u>3h30 (8h30 às 12h)</u>			
Unidade temática: Currículo, Planejamento e Linguagem na Educação Infantil			
Foco Temático: Currículo e cotidiano			
Objetivo: - Experimentar a construção e o desenvolvimento da rotina por meio da roda inicial; - Analisar diferentes concepções de currículo; - Perceber as relações entre cotidiano, rotina, planejamento e currículo; - Compreender as implicações da rotina e do planejamento na prática pedagógica; - Refletir sobre os documentos oficiais curriculares para a EI			
Hora	Pauta / Atividade	Detalhamento	Materiais Providências
08h30 às 10h30	1. Acolhida (1h20min) Roda com o vídeo da entrevista	1. Acolhida: - Vídeo com a entrevista com Manoel de Barros sobre Bernardo. Receber as formadoras na sala e quando todas chegarem iniciar falando da unidade e do foco temático deste turno. Em seguida, como acolhida vamos apresentar a história de Bernardo (entrevista), uma figura muito especial na vida e na obra de Manoel de Barros. Inspirado em um personagem real, Bernardo era um trabalhador simples do Pantanal, com quem o poeta conviveu e construiu uma relação de amizade e admiração. Manoel via em Bernardo uma sabedoria diferente, ligada à natureza, às coisas pequenas e aos modos simples de viver. Ao longo de sua obra, Bernardo aparece como símbolo da ligação profunda entre o ser humano e o mundo natural, representando valores que o poeta considerava essenciais, como a sensibilidade, a imaginação e o olhar atento para aquilo que muitas vezes passa despercebido. Mais do que um amigo, Bernardo foi uma importante fonte de inspiração para Manoel de Barros, ajudando a compor o universo poético marcado pelo encantamento com a simplicidade e pelas “grandezas do insignificante”. Após esse momento de apreciação da entrevista, vamos convidar as formadoras a fazerem uma roda. E vamos dizer às formadoras que daremos início a nossa roda inicial, onde vamos vivenciar uma roda inicial e suas possibilidades. As mesas e cadeiras já deverão estar organizadas pelo hotel considerando esse momento da roda inicial.	Apresentar materiais que serão utilizados (links, arquivos etc) Vídeo de Manoel de Barros BERNARDO CRIANCEIR



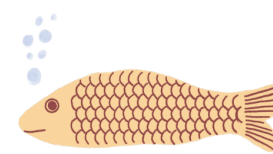
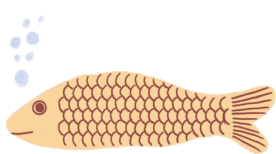
	- <u>Na roda inicial:</u> Na roda inicial, vamos simular, de fato, uma roda como fazemos com as crianças, para que as formadoras percebam, a partir das nossas palavras, da nossa condução, dos nossos questionamentos e da nossa mediação, as inúmeras possibilidades que esse momento proporciona junto às crianças. O DETALHAMENTO DESSA PAUTA DEVERÁ SER RETOMADO A CADA MOMENTO, COMO EXPLICAÇÃO DAS NOSSAS ESCOLHAS PARA ESSA ATIVIDADE E AMPLIANDO, COM OS EXEMPLOS, AS DIFERENTES MANEIRAS QUE ESSA RODA PODE ACONTECER. A roda inicial não deve ser compreendida como uma atividade mecânica, repetitiva e desprovida de intencionalidade, realizada diariamente apenas para cumprir uma rotina. Ao contrário, trata-se de um momento que precisa ser planejado de forma consciente, com objetivos pedagógicos claros e articulados às experiências e aprendizagens das crianças. Entre as inúmeras possibilidades que esse momento oferece, destacam-se o trabalho com a linguagem oral, a promoção das interações entre as crianças, a mediação das aprendizagens e a construção do conhecimento e do pensamento por meio das trocas estabelecidas no grupo. A roda também se configura como um espaço privilegiado para o exercício do dialogismo, uma vez que as crianças são convidadas a ouvir, falar, argumentar, questionar, concordar e discordar, construindo sentidos coletivamente. Além disso, a roda favorece importantes práticas de leitura e de escrita. Essas práticas estão presentes quando realizamos a leitura coletiva da letra de uma música, quando cantamos acompanhando o texto escrito, quando trabalhamos o reconhecimento dos nomes nos cartões de chamada, quando identificamos os ajudantes do dia, observamos a data no calendário e realizamos sua marcação. Todas essas ações colocam as crianças em contato com diferentes usos sociais da linguagem escrita, contribuindo para a construção de conhecimentos sobre a leitura e a escrita de forma significativa e contextualizada. Desse modo, a roda inicial constitui-se como um rico espaço de aprendizagem, interação e produção de sentidos, sendo fundamental que seja conduzida a partir de um planejamento intencional e coerente com os objetivos pedagógicos propostos. Abordaremos esses conceitos a partir das atividades que irão acontecer durante a roda. - <u>Música/cantoria:</u> Inicialmente, convidaremos o grupo para cantar uma música, afinal, roda também é lugar de cantar. A partir do vídeo com a entrevista de Manoel de Barros sobre Bernardo, perguntaremos se elas conhecem a música “Bernardo” do grupo Crianceiras. Já conhecemos a história de Bernardo e compreendemos quem ele foi na vida de Manoel de Barros. Agora, conheceremos uma canção inspirada na poesia que o autor escreveu sobre esse personagem tão significativo. Perguntaremos se alguém já conhece a música e, em seguida, faremos a leitura coletiva da letra, que estará disponível no slide e será entregue para elas. Após esse momento, convidaremos o grupo a cantar a música “Bernardo”, na versão do grupo Crianceiras.	AS- Manoel de Barros- Cartões de Chamada com a lista dos nomes Quadro de Ajudantes
--	--	---



	Como sugestões para o momento da música, recomendamos priorizar repertórios que valorizem a cultura da infância, a riqueza da linguagem, a diversidade dos ritmos brasileiros e a qualidade poética e musical das canções. Nas práticas pedagógicas cotidianas, a escolha das músicas deve estar alinhada aos objetivos do planejamento, aos interesses das crianças e aos temas investigados pela turma. Entre os grupos e artistas que desenvolvem um trabalho reconhecido na música infantil brasileira, destacamos: * Palavra Cantada; Crianceiras, Bia Bedran; Barbatuques; Tiquequê; Grupo Triii; Hélio Ziskind; Badulaque; Mawaca (especialmente em trabalhos voltados às cantigas e músicas de diferentes culturas); Fortuna (repertório de cantigas e tradições musicais); Adriana Partimpim (projeto infantil de Adriana Calcanhotto); Toquinho (álbuns infantis e canções em parceria com Vinicius de Moraes); Vinicius de Moraes (especialmente A Arca de Noé); Antônio Nóbrega; Chico dos Bonecos; Grupo Rodapião. Além desses artistas, é importante explorar o rico repertório do cancioneiro popular brasileiro, com cantigas de roda, brincadeiras cantadas, parlendas, acalantos e cirandas, ampliando o contato das crianças com manifestações da cultura popular. Também é possível incorporar canções da Música Popular Brasileira (MPB) que dialoguem com a infância e apresentem qualidade estética, aproximando as crianças de diferentes gêneros, ritmos e compositores da música brasileira desde os primeiros anos de vida. Essa diversidade musical amplia o repertório cultural das crianças, favorece experiências estéticas significativas e contribui para o desenvolvimento da sensibilidade, da imaginação, da expressão corporal e da linguagem. A construção desse repertório pode, inclusive, acontecer com a participação das próprias crianças, por meio de uma playlist construída coletivamente ao longo do ano. Dessa forma, elas passam a reconhecer as músicas, sugerir novas canções, ampliar seu repertório cultural e estabelecer vínculos afetivos com esse momento da rotina, tornando a roda inicial ainda mais significativa e prazerosa. - <u>Quadro de ajudantes:</u> Após cantarmos a música “Bernardo”, do grupo Crianceiras, faremos a leitura do quadro de ajudantes. A depender do dia da semana em que ocorrer a formação, as formadoras responsáveis por esse dia serão convidadas a assumir suas funções. O primeiro nome do quadro realizará a marcação do calendário e os demais ajudantes participarão da roda de novidades, contribuindo com esse momento de diálogo e interação. É importante destacar que o quadro de ajudantes vai muito além da identificação dos nomes das crianças. Trata-se de um recurso pedagógico que articula práticas de leitura e escrita com a organização temporal da rotina. A partir dele, trabalhamos a identificação e o reconhecimento dos nomes, a leitura dos dias da semana, da data, a compreensão da sequência temporal (dia anterior e dia posterior) e aspectos relacionados à organização da semana. O quadro de ajudantes, assim como os demais recursos que compõem a rotina da turma, deve ser construído junto com as crianças. Esse momento constitui uma importante oportunidade para que elas participem ativamente da organização do cotidiano, exercitando a tomada de decisões, a negociação e o planejamento coletivo.	
--	---	--



	O professor pode propor, no momento de grande grupo, que as crianças pensem em estratégias para organizar a distribuição dos ajudantes ao longo dos dias da semana. Durante essa conversa, é importante mediar a discussão, orientando que não é possível concentrar todas as crianças em um único dia, nem deixar dias sem ajudantes. Essa mediação favorece o desenvolvimento do raciocínio lógico, da resolução de problemas e da compreensão da necessidade de uma distribuição equilibrada. Para tornar essa organização mais concreta e significativa, um recurso que contribui bastante é a utilização dos cartões de chamada. Ao manipulá-los, as crianças conseguem visualizar quem compõe o grupo, classificar os cartões e quantificar quantas crianças poderão ficar responsáveis por cada dia da semana. Esse suporte concreto amplia as possibilidades de reflexão, permitindo que o grupo analise, compare e reorganize suas escolhas sempre que necessário. Após essa primeira organização, podem ser realizados ajustes construídos coletivamente, considerando, por exemplo, amigos que desejam ser ajudantes no mesmo dia ou outras formas de distribuição que o grupo considere mais adequadas. O mais importante é que essas decisões sejam fruto do diálogo e da participação das próprias crianças, fortalecendo o sentimento de pertencimento e corresponsabilidade pela organização da rotina. Esse quadro deve ser construído no início do ano letivo e permanecer como um recurso vivo da sala de referência, podendo ser reorganizado em outros momentos, sempre que houver necessidade ou solicitação do próprio grupo. Da mesma forma, é fundamental que seja utilizado diariamente de maneira intencional, garantindo que cumpra sua função pedagógica na organização do cotidiano e na construção da autonomia das crianças. Para apoiar esse processo, podemos utilizar diferentes estratégias, considerando as características e necessidades de cada grupo. Uma delas é o uso de cores para identificar cada dia da semana. Assim, as crianças passam a associar, por exemplo, que no “dia amarelo” determinados colegas são os ajudantes, enquanto no “dia verde” são outras crianças. Essa associação fortalece a memória e favorece o reconhecimento dos próprios nomes e dos colegas. Outro recurso bastante significativo é a utilização de imagens que representam atividades fixas da rotina semanal. Se a segunda-feira é o dia da biblioteca, por exemplo, essa imagem torna-se uma referência para que a criança identifique o dia da semana e lembre que naquele dia será ajudante. Da mesma forma, a imagem da aula de Música, da Ciranda de livros ou de qualquer outra atividade recorrente funciona como um apoio visual importante para a construção dessas relações temporais. Essas estratégias ampliam as possibilidades de aprendizagem e dão sentido ao trabalho com o quadro de ajudantes, articulando linguagem oral, leitura, escrita, memória, organização temporal e participação na rotina. Por fim, é fundamental que o quadro de ajudantes tenha uma função concreta no cotidiano da turma. Não basta que o nome da criança esteja registrado no quadro; é necessário que ela exerça efetivamente um papel naquele dia. Marcar o calendário, organizar materiais, contar quantas crianças faltaram e quantas estão presentes, escolher a música que será cantada, auxiliar na roda de conversa, guardar os cartões no momento da roda final, distribuir recursos (papel, coleção de pintar) ou colaborar em outras pequenas responsabilidades faz com que a criança compreenda o significado de ser ajudante, fortalecendo sua autonomia, seu senso de pertencimento e sua participação ativa na rotina da sala. - Calendário:	
--	--	--



O calendário é mais um recurso pedagógico explorado durante a roda inicial e, assim como o quadro de ajudantes, a chamada e o registro da rotina, precisa assumir uma função concreta e significativa no cotidiano da turma. Seu uso não deve se restringir à simples marcação da data, mas constituir-se como uma prática diária que possibilite às crianças compreenderem a passagem do tempo e construir diferentes conhecimentos.

A forma de organização e utilização do calendário dependerá da faixa etária e do nível de desenvolvimento das crianças. Com os grupos menores, o professor poderá realizar a escrita da data junto com elas, nomeando os números e discutindo suas características. Já com as crianças maiores, é possível que elas próprias registrem o número correspondente ao dia, façam desenhos, símbolos ou outras marcações, ampliando sua participação e autonomia nesse momento da rotina (slides).

Além de organizar temporalmente o cotidiano da turma, o calendário desempenha a função de numerário, favorecendo o reconhecimento dos números e a construção da sequência numérica. Ao realizar diariamente a marcação da data, o professor pode explorar o número anterior, o número posterior, identificar regularidades na sequência e promover situações que contribuam para o desenvolvimento dos conhecimentos lógico-matemáticos.

O calendário também pode ser utilizado para registrar acontecimentos significativos da vida da turma, como aniversários, visitas de estudo, passeios, projetos, datas comemorativas, apresentações e outros eventos importantes. Dessa forma, ele deixa de ser apenas um material exposto na sala e passa a constituir um instrumento vivo, constantemente consultado e atualizado pelas crianças e pelo professor.

Quando utilizado com intencionalidade pedagógica, o calendário favorece a compreensão da organização do tempo, fortalece práticas de leitura e escrita, amplia os conhecimentos matemáticos e contribui para que as crianças atribuam significado aos acontecimentos da rotina, percebendo as relações entre os dias, as semanas, os meses e os eventos que fazem parte de suas experiências escolares.

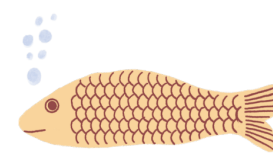
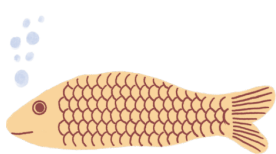
Por isso, é fundamental que o calendário seja utilizado diariamente e explorado de diferentes maneiras, sempre de forma significativa para as crianças. Muito mais do que marcar a data, ele deve favorecer situações de investigação, levantamento de hipóteses e construção de conhecimentos sobre a passagem do tempo e os números.

A partir do calendário, o professor pode propor diferentes questionamentos e desafios ao grupo, como: quantos dias faltam para as férias? Quantos dias faltam para o aniversário de um colega? Quantos dias já se passaram desde o início de um projeto ou de uma atividade? Quantos dias tem este mês? Essas situações tornam o uso do calendário vivo e funcional, permitindo que as crianças atribuam significado aos conceitos de tempo e sequência.

Essas explorações também favorecem a contagem, a comparação de quantidades, a antecipação de acontecimentos, a identificação dos números e a compreensão da sucessão numérica, sempre articuladas às vivências da turma. Dessa forma, o calendário deixa de ser apenas um recurso de consulta e passa a constituir um importante instrumento de aprendizagem, contribuindo para o desenvolvimento dos conhecimentos lógico-matemáticos, da linguagem oral, da organização temporal e da participação das crianças na rotina escolar.

- **Roda de novidades:**

A depender do planejamento do dia, a roda inicial poderá contar ainda com um momento de roda de novidades ou com outras propostas que diversifiquem esse momento da roda. Essas atividades podem ser organizadas de diferentes formas: uma, duas



ou três vezes por semana, em dias previamente combinados com o grupo, ou conforme os objetivos do planejamento. É possível, por exemplo, estabelecer um dia destinado às novidades, relato do final de semana, socialização de um projeto, como a ciranda de livros, outro para apreciação de músicas a partir de uma playlist construída coletivamente com as crianças, outro para a leitura de uma notícia, de uma curiosidade ou de outro gênero textual que dialogue com os interesses da turma.

É importante destacar que a duração e a organização da roda inicial devem ser flexíveis e estar articuladas ao planejamento do dia. Nos dias em que a atividade seguinte demandará mais tempo, a roda poderá ser mais objetiva. Por outro lado, quando a própria roda constituir o principal momento de aprendizagem daquele período, ela poderá ser ampliada, permitindo que os diferentes recursos da rotina sejam explorados de forma mais aprofundada, como os cartões de chamada, o quadro de ajudantes, o calendário e a escrita coletiva da rotina.

Para esta formação, propomos a realização de uma roda de novidades. Nesse momento, os ajudantes do dia — com exceção da formadora responsável por marcar o calendário — serão convidados a compartilhar uma novidade recente com o grupo. Essa novidade poderá estar relacionada à viagem do município de origem até Natal, à chegada à cidade, a uma experiência vivida durante o percurso ou a qualquer outro acontecimento significativo ocorrido antes da participação na formação.

Mais do que relatar fatos, esse momento tem como objetivo favorecer a linguagem oral, a escuta atenta, o diálogo, a construção de vínculos e a participação das crianças em situações reais de comunicação, atribuindo sentido às práticas desenvolvidas durante a roda inicial.

É importante destacar que, nos momentos de roda de conversa, relato do final de semana ou roda de novidades, as crianças que não oralizam também precisam ter assegurado o direito de participar e compartilhar suas experiências. Para isso, faz-se necessário que o professor organize previamente recursos que possibilitem a construção desse discurso e favoreçam sua participação nas interações do grupo.

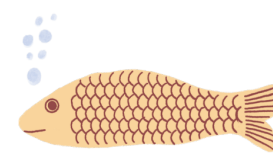
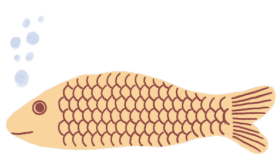
No momento do relato do final de semana, por exemplo, a criança pode utilizar cartões de Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA), registros escritos enviados pela família ou outros recursos que representem as experiências vividas. Esses suportes possibilitam que ela comunique suas vivências, ainda que não utilize a linguagem oral como principal forma de expressão.

Da mesma forma, na roda de novidades, por se tratar de um momento preparado em casa, a família pode contribuir enviando um breve registro escrito, uma fotografia, um desenho, um objeto, um recorte ou qualquer outro recurso que represente a novidade escolhida pela criança. Esses materiais funcionam como mediadores da comunicação, permitindo que a criança não verbal participe ativamente da roda, compartilhe suas experiências com os colegas e seja reconhecida como sujeito de fala e de interação.

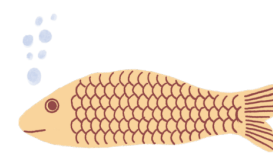
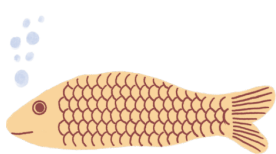
Mais do que garantir a presença da criança nesse momento, é fundamental assegurar sua participação efetiva, oferecendo os apoios necessários para que possa se expressar, comunicar seus pensamentos e experiências e ocupar, assim como as demais crianças, um lugar de protagonismo nas interações cotidianas da turma.

- **Chamada**

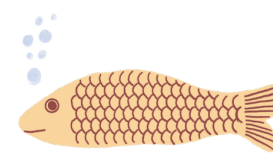
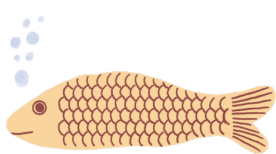
Neste momento da formação, realizaremos uma demonstração da chamada rimada, uma das possibilidades de organização da chamada na Educação Infantil.



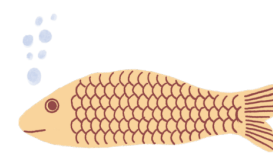
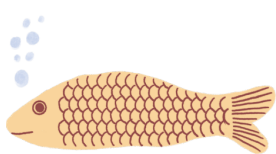
	Para essa vivência, cada formadora estadual deverá selecionar previamente entre 10 e 15 nomes já acompanhados de uma palavra cuja sonoridade rima com cada um dos nomes selecionados. Esse planejamento antecipado permitirá que a atividade aconteça de forma fluida e possibilitará que as participantes compreendam a dinâmica da proposta e suas potencialidades pedagógicas. Não será necessário contemplar todos os nomes da turma. O objetivo da atividade não é realizar a chamada completa, mas proporcionar uma experiência significativa que permita às formadoras municipais compreenderem como essa estratégia pode ser desenvolvida com as crianças. Assim, optamos por trabalhar com um número reduzido de nomes, garantindo que cada situação possa ser explorada com calma, valorizando as brincadeiras com os sons das palavras, a percepção das rimas e o reconhecimento da escrita dos nomes. Dessa maneira, as formadoras poderão perceber o quanto brincar com as rimas, utilizando os próprios nomes, constitui uma estratégia lúdica e potente para favorecer a aproximação com a linguagem oral e escrita desde a Educação Infantil. A formadora estadual iniciará a atividade cantando com o grupo: <i>“Quem é que veio hoje? Quem é? Quem é? Quem é? Diga o seu nome, animado, Bata palma e bata o pé! Seu nome rima com ...”</i> Ao final da música, em vez de dizer diretamente o nome da participante, a formadora dará uma pista por meio de uma rima, por exemplo: “O nome dessa pessoa rima com ...”. A partir dessa pista, as formadoras municipais serão convidadas a observar os cartões, levantar hipóteses e identificar qual nome corresponde à rima apresentada. Ao reconhecer o seu nome, a formadora deverá dirigir-se ao centro da roda, pegar o seu cartão e, retomando a brincadeira, bater palmas e bater os pés junto com o grupo. Essa proposta evidencia como as brincadeiras com rimas podem ser incorporadas ao momento da chamada, favorecendo a percepção sonora das palavras, do reconhecimento do nome próprio e da participação ativa das crianças, sempre em um contexto lúdico e significativo. A chamada é um dos momentos mais significativos da roda inicial, pois é nela que os nomes das crianças, registrados nos cartões de chamada, são explorados de diferentes maneiras, de acordo com o planejamento do professor, o tempo disponível e as atividades que serão desenvolvidas ao longo da rotina. Mais do que identificar quem está presente ou ausente, a chamada assume uma função pedagógica essencial na inserção das crianças nas práticas de leitura e escrita. O nome próprio constitui a primeira escrita significativa para a criança e, por isso, deve ser explorado desde muito cedo, tornando-se um importante ponto de partida para a construção de conhecimentos sobre o sistema de escrita. É fundamental que esse momento aconteça diariamente. Seu principal objetivo não é apenas verificar a frequência, mas proporcionar às crianças oportunidades permanentes de reconhecer a escrita do próprio nome e dos nomes dos colegas, elaborando estratégias para identificá-los e diferenciá-los. Ao longo desse processo, as crianças observam letras, comparam palavras, identificam semelhanças e diferenças, levantam hipóteses sobre a escrita e ampliam seu repertório de conhecimentos. Por se tratar de uma escrita altamente familiar, presente diariamente na rotina da turma, o nome próprio torna-se um elemento de referência para o reconhecimento de letras, palavras e outras escritas presentes em diferentes suportes textuais. Aos	
--	---	--



	poucos, as crianças passam a utilizar o conhecimento construído a partir dos nomes para identificar outras palavras, favorecendo avanços em seus processos de alfabetização e letramento. Existem inúmeras possibilidades para a realização da chamada. Justamente por constituir um momento de aprendizagem, ela não precisa acontecer da mesma maneira todos os dias. A diversidade de estratégias mantém o interesse das crianças, amplia os desafios relacionados à leitura e à escrita e possibilita que diferentes habilidades sejam mobilizadas ao longo do processo. Entre as diversas possibilidades, destacamos algumas propostas que podem ser incorporadas à rotina da turma: * <u>Chamada em formato de sol</u>: os cartões com os nomes das crianças são dispostos no chão, organizados em formato de sol. Ao som de uma música, cada criança levanta, identifica o seu cartão, pega-o e o guarda no local combinado. * <u>Cartões virados para baixo em formato de sol</u>: os cartões são distribuídos no chão com a escrita voltada para baixo. Enquanto uma música é cantada, cada criança escolhe um cartão, vira-o, identifica de quem é aquele nome e entrega o cartão ao colega correspondente, para que ele possa guardá-lo. * <u>Chamada por rimas</u>: o professor apresenta pistas sonoras, informando que o nome da criança rima com determinada palavra. A partir dessa informação, o grupo levanta hipóteses até descobrir qual é o nome representado no cartão. * <u>Chamada escondida</u>: o professor oculta parte da escrita do nome e revela uma letra de cada vez. À medida que novas letras aparecem, as crianças elaboram hipóteses sobre qual nome está sendo apresentado, observando características da escrita e comparando nomes que possuem letras iniciais semelhantes, como Maria e Marina, por exemplo. Essa estratégia favorece a análise das letras que diferenciam palavras aparentemente parecidas. * <u>Distribuição pelos ajudantes do dia</u>: os cartões são entregues aos ajudantes, que assumem a responsabilidade de identificar o nome escrito em cada cartão e entregá-lo ao colega correspondente. Essa proposta mobiliza tanto quem distribui quanto quem recebe, fortalecendo o reconhecimento dos nomes e incentivando a cooperação entre as crianças. * <u>Roda organizada com os cartões de chamada</u>: antes da chegada das crianças, o professor organiza a roda dispondo um cartão com o nome de cada criança no local onde ela deverá se sentar. Ao entrar na sala, cada criança é convidada a identificar o seu próprio nome para encontrar o seu lugar na roda. Após esse momento, durante a chamada ou ao som de uma música, cada criança retira o seu cartão e o coloca no local previamente combinado. Essa estratégia favorece o reconhecimento do nome próprio de forma contextualizada, fortalece a autonomia e transforma a organização da roda em mais uma oportunidade de aprendizagem das práticas de leitura e escrita. * <u>Chamada pelo som inicial do nome</u>: Para isso, ao invés de apresentar diretamente o cartão de chamada, o professor poderá enfatizar o som inicial do nome, dizendo, por exemplo: “O nome dessa criança começa com ‘Gá, Gá’...” Em seguida, poderá lançar questionamentos ao grande grupo, como: “Quem são as crianças cujos nomes começam com ‘Gá, Gá’?”; “Quais cartões podem ser desse nome, considerando esse som inicial?”; ou ainda: “Quem consegue identificar uma criança da turma cujo nome começa com esse mesmo som?” * <u>Chamada pelo sobrenome da criança (a partir da turma 4 onde já se trabalha o primeiro sobrenome da criança)</u>: Nesse formato de chamada, o professor dará destaque ao sobrenome da criança, ampliando as possibilidades de exploração da identidade e da linguagem escrita. Em vez de apresentar apenas o primeiro nome, o professor poderá enfatizar o sobrenome, dizendo, por exemplo: “Esta criança tem o sobrenome Moreira. Quem será?”	
--	--	--



	A partir dessa pista, o professor poderá propor questionamentos ao grande grupo, como: “Quem conhece alguém da turma que tenha o sobrenome Moreira?”; “De quem vocês acham que é esse cartão?”; ou “Quem consegue identificar essa criança pelo sobrenome?” * <u>Chamada muda</u>: nessa proposta, o professor convida as crianças para uma brincadeira em que todos deverão permanecer em silêncio. Para isso, pode utilizar uma brincadeira cantada que, ao final, desafie o grupo a ficar “mudo”, ou seja, sem falar. Uma sugestão é a cantiga: <i>“Lá em cima daquele morro mora uma vaca amarela. Quem falar primeiro come toda a sujeira dela!”</i> Após a brincadeira, mantendo o desafio de permanecer em silêncio, o professor apresenta os cartões de chamada, um de cada vez. Ao reconhecer o seu nome, a criança se levanta sem emitir nenhum som, dirige-se até o professor, pega o seu cartão e o guarda no local previamente combinado. Essa estratégia estimula o reconhecimento do nome próprio, a atenção, a concentração, o autocontrole e a leitura da escrita de forma lúdica, além de tornar a chamada um momento divertido e desafiador para o grupo. Essas são apenas algumas possibilidades. O mais importante é que a chamada seja planejada com intencionalidade pedagógica é realizada de maneira dinâmica, desafiadora e significativa, possibilitando que as crianças utilizem diferentes estratégias para reconhecer os nomes, comparar escritas, levantar hipóteses, ampliar seus conhecimentos sobre o sistema de escrita e participar ativamente desse momento da rotina. - <u>Escrita da rotina:</u> O momento de construção da rotina junto às crianças é um tempo de trocas, combinados, interações e muitas aprendizagens. Nele, a leitura e a escrita são exploradas de modo significativo e contextualizado, a partir das vivências diárias do grupo e das ações que compõem a rotina da turma. Como já discutimos, o esqueleto da rotina precisa ser estável e repetir-se diariamente para que as crianças construam autonomia, segurança e compreendam a organização do tempo e das atividades. No entanto, isso não significa que a forma como cada momento da rotina é conduzido deva ser sempre a mesma. Por isso, o modo como construímos a rotina com as crianças também é um momento que envolve planejamento. É justamente na mediação da professora que reside a riqueza desse momento. A socialização e a construção da rotina podem acontecer de diferentes maneiras, por meio de propostas diversificadas e significativas, ampliando as possibilidades de interação, participação e aprendizagem. Assim, um mesmo momento da rotina pode ser explorado sob diferentes perspectivas, favorecendo, especialmente, práticas de leitura e de escrita inseridas em contextos reais de uso da linguagem. O modo de construir a rotina junto às crianças também varia de acordo com o planejamento da professora e com a faixa etária do grupo. Por isso, esse momento não precisa acontecer todos os dias da mesma forma, nem a rotina precisa ser registrada diariamente no quadro seguindo um único modelo. Há inúmeras possibilidades de construir e socializar a rotina de maneira significativa. Ela pode ser organizada das seguintes maneiras:	
--	--	--



1. Organizar a rotina com a escrita de cada atividade acompanhada de um desenho. Nesse caso, o desenho funciona como um suporte para que as crianças possam antecipar e compreender o significado da palavra escrita, estabelecendo relações entre imagem e texto.

2. Utilizar apenas imagens ou cartões que representem cada momento da rotina. Esses cartões podem ser dispostos no chão, em roda, para que as próprias crianças os localizem, discutam entre si e organizem coletivamente a sequência das atividades que acontecerão ao longo do dia.

3. Construída por meio de desenhos. A professora escreve os nomes das atividades, de forma horizontal, e convida diferentes crianças para representar, por meio de desenhos, cada um desses momentos, fortalecendo a relação entre a linguagem visual e a linguagem escrita.

4. Com crianças maiores, é possível ampliar esse trabalho propondo a escrita espontânea da rotina. As crianças podem registrar os nomes das atividades de acordo com suas hipóteses de escrita, utilizando o desenho como apoio para representar o significado daquilo que escreveram. Posteriormente, a professora pode realizar intervenções que favoreçam a reflexão sobre o sistema de escrita.

5. Também é possível transformar esse momento em um contexto de reflexão sobre a língua escrita, propondo desafios adequados às hipóteses de aprendizagem das crianças. A rotina pode ser apresentada com sílabas ou letras faltando para que elas completem as palavras, por exemplo: __ D A INICIAL, ou ainda, R _ D _ INIC __ L. Estimulando assim a observação, a comparação, a formulação de hipóteses e a resolução de problemas relacionados à leitura e à escrita.

6. Com atividades escritas fora da ordem para que as crianças percebam e reorganizem a sequência do dia, por exemplo, começar pela escrita do LANCHE e só depois a RODA INICIAL.

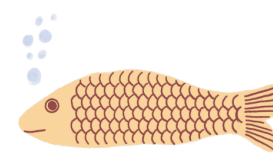
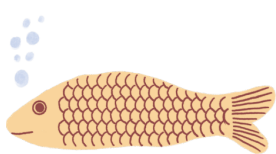
Independentemente da estratégia utilizada, o essencial é compreender que a construção da rotina não se resume à organização das atividades do dia. Ela constitui um rico contexto de aprendizagem, no qual as crianças participam ativamente, dialogam, levantam hipóteses, tomam decisões e vivenciam práticas reais de leitura e escrita inseridas no cotidiano da Educação Infantil.

O mais importante é que esse momento seja intencionalmente planejado, promova a participação ativa das crianças e constitua uma situação real de uso da linguagem escrita, na qual elas possam observar, levantar hipóteses, fazer escolhas, dialogar e compreender a organização do cotidiano. Assim, a rotina deixa de ser apenas uma sequência de atividades e torna-se um potente instrumento de aprendizagem, interação e construção da autonomia.

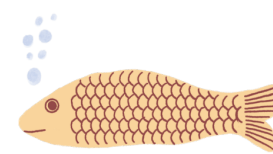
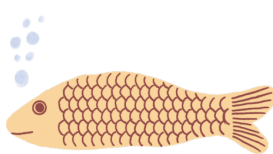
Acessibilidade - CRIANÇAS QUE NÃO ORALIZAM OU NÃO APRESENTAM UMA FALA FUNCIONAL:

A escrita da rotina também precisa ser planejada considerando a participação das crianças que não oralizam. Quando organizamos esse momento, precisamos nos perguntar: de que forma essa criança compreenderá o que está sendo construído coletivamente? Afinal, a rotina deve fazer sentido para todas as crianças.

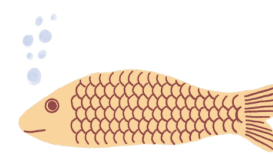
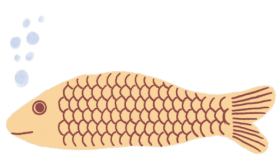
Por isso, faz-se necessário utilizar recursos que deem suporte à compreensão do que está registrado no quadro. Uma possibilidade é o uso de cartões de Comunicação Alternativa (CAA) com pictogramas, que representam visualmente cada um dos momentos da rotina. À medida que o professor registra a rotina por escrito, pode também associar cada atividade ao seu respectivo pictograma, tornando esse registro mais acessível.



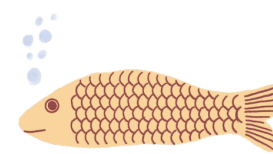
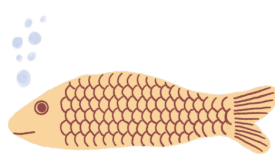
		Esses pictogramas podem ser utilizados em diferentes contextos do cotidiano, pois favorecem a compreensão das crianças que não oralizam, visto que são símbolos universais que representam ações, objetos, pessoas e situações vivenciadas por elas. Além de ampliarem as possibilidades de compreensão, esses recursos favorecem a antecipação do que acontecerá ao longo do dia, promovem maior segurança, autonomia e participação das crianças em todos os momentos da rotina. Mais do que um recurso de apoio, a Comunicação Alternativa constitui uma estratégia de inclusão, garantindo que todas as crianças tenham condições de compreender, participar e construir, junto com o grupo, o cotidiano da sala de referência. IMPORTANTE - FECHAMENTO DA RODA INICIAL: Ao longo de todo o trabalho realizado na roda inicial e de todas as vivências propostas neste momento formativo, dois aspectos estiveram presentes de forma permanente: a rotina e o planejamento que juntos, materializam o currículo da instituição. Tudo o que foi vivenciado hoje com vocês, formadoras municipais, foi previamente pensado, organizado e planejado a partir dos elementos que constituem a rotina: o tempo, os espaços, os materiais e as atividades, que precisam ser sempre planejados com intencionalidade. Para isso, refletimos sobre quais experiências seriam propostas na roda inicial, quanto tempo seria necessário para cada uma delas, quais materiais precisam ser organizados previamente — como os cartões de chamada, o vídeo de Bernardo, o quadro de ajudantes e o calendário — e quais atividades seriam vivenciadas, como a chamada rimada (pensando previamente nas rimas), a marcação do calendário, a leitura do quadro de ajudantes e a construção coletiva da rotina. Esse planejamento cuidadoso é o que dá intencionalidade ao trabalho pedagógico e permite que a rotina deixe de ser uma sequência mecânica de ações para tornar-se um espaço de interação, aprendizagem e desenvolvimento. Assim, rotina e planejamento caminham juntos, complementando-se de forma indissociável na organização do cotidiano e refletindo as concepções de infância, aprendizagem e currículo assumidas pela instituição. Desse modo, articulamos os três conceitos já trazidos por Maria Carmem Barbosa: rotina, planejamento e currículo, que ainda permeiam as nossas discussões hoje de manhã. Lembrar que a roda inicial deve acontecer todos os dias! Com planejamento e sentido para as crianças. Retorno das formadoras municipais para as mesas e leitura dos objetivos desse momento.	
10h30 às 10h45	2. Iniciando o diálogo (15min)	2.1 Iniciando o diálogo: Retomando o trabalho de percurso <u>Construção do mural:</u> Cada formador municipal trará imagens/fotografias dessas brincadeiras para construção de um mural. Faremos a orientação da atividade e vamos montar um mural coletivo. Após esse momento, a turma vai se organizar em 4 grupos e cada grupo receberá uma das questões do slide para discutir brevemente e expor para o grande grupo em seguida. Após esse momento de socialização das respostas do grupo, vamos levantar mais três questões de modo coletivo que estão no	



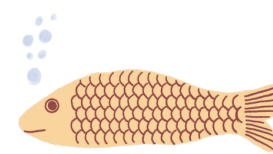
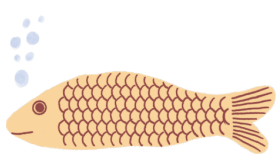
		slide seguinte.	
10h45 às 11h00	3. Ampliando o diálogo (15 min) Para que quem desejar falar nesse momento, tenha um certo tempo	3.1 Ampliando o diálogo: Live “Currículo, Cotidiano e Linguagem”, Maria Carmem Barbosa Na retomada da live, que será breve, destacaremos que ela aborda os três conceitos que acabamos de discutir e vivenciar, na prática, por meio da roda inicial: cotidiano, rotina e currículo. O cotidiano é constituído pelas experiências, acontecimentos, interações e atividades que se repetem diariamente na instituição de Educação Infantil. A rotina, por sua vez, é o que organiza esse cotidiano. Ela estrutura o dia, dá previsibilidade às ações e favorece a organização do tempo e dos espaços. Por isso, é fundamental que a rotina seja construída com as crianças e não apenas apresentada a elas. Quando participam da organização do dia, as crianças compreendem o que acontecerá, estabelecem combinados, antecipam as experiências que irão vivenciar e tornam-se corresponsáveis pela realização desses momentos. Essa participação favorece a construção da autonomia, da segurança, do sentimento de pertencimento e da compreensão da organização do cotidiano. Todos esses aspectos materializam o currículo da instituição. O currículo não se limita a um documento escrito; ele se concretiza nas práticas vividas diariamente pelas crianças e pelos professores. É por meio das escolhas pedagógicas que fazemos — da forma como organizamos a roda inicial, construímos a rotina, planejamos as experiências e promovemos as interações — que revelamos a concepção de currículo que orienta nosso trabalho. Assim, o currículo torna-se vivo, dinâmico e presente no cotidiano da instituição. Muitas vezes, basta observar como uma simples roda inicial é organizada para compreender quais concepções de infância, aprendizagem e educação sustentam o trabalho desenvolvido naquele contexto. É nas práticas cotidianas que o currículo se torna visível e ganha significado. E partimos para as questões, a partir da live, da nossa roda, do que discutimos sobre os aspectos abordados a live: - A quem servem as rotinas estabelecidas nas creches e pré-escolas? - Confluência ou competição entre os tempos e espaços dos adultos e das crianças? Ou seja, a concepção da rotina decorre do modo de pensar o currículo.	



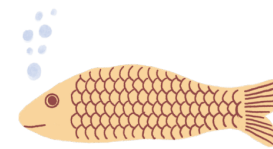
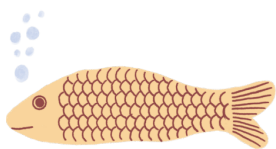
11h às 11h15	4. Aprofundando o tema (15min) Discussão de currículo e dos documentos:	4.1 Aprofundando o tema: <u>DISCUSSÃO SOBRE CURRÍCULO DO CADERNO 6:</u> Aprofundando essa discussão, iremos apresentar e refletir sobre a concepção de currículo proposta no Caderno 6 da formação. A partir desse referencial, discutiremos a compreensão de currículo que orienta nosso trabalho na Educação Infantil, entendendo-o como um conjunto de experiências, interações e práticas que se materializam no cotidiano da instituição. Essa concepção amplia a compreensão de currículo para além de uma lista de conteúdos, evidenciando que ele se concretiza nas relações estabelecidas, nas brincadeiras, nas investigações, nas propostas pedagógicas e em todos os momentos vividos pelas crianças ao longo do dia. O que compõe o currículo não é só o que é planejado-previsto, mas o que é vivido, efetivamente, cotidianamente: - Na rotina diária, nas atividades (desde a entrada, a acolhida) nos modos como as professoras se dirigem às crianças, como os espaços e materiais são disponibilizados - quais, quantos, para que... - Nas brincadeiras no parque, na sala de referência e nos modos de participação possibilitados às crianças; - Nas interações sociais e nas experiências concretas vivenciadas pelas crianças no cotidiano. Fazer relação mais uma vez com a nossa roda inicial, o planejamento dessa roda, visto que o currículo compreende assim não apenas aqueles momentos ou situações formais de ensino, mas coloca professores, gestores e demais profissionais da escola a planejar situações de aprendizagem para além do momento da “atividade dirigida”: o modo como o alimento é servido no refeitório, as possibilidades de brincadeira e interações no pátio, a relação com a cultura da comunidade, a seleção dos jogos a serem comprados, os livros disponibilizados na biblioteca, etc. todos são movimentos que instigam as crianças e transmitem conhecimentos, portanto fazem parte do currículo.” (Citação do slide) Em seguida apresentamos brevemente os documentos oficiais e a concepção de currículo presentes neles, a DCNEI e a BNCC, trazendo também uma breve contextualização sobre a construção desses documentos. <u>LEITURA DO CASO DE CLARA E DISCUSSÃO:</u> Verifique se alguma formadora deseja ler o texto e sugerir que leia com entonação. Ler o relato de Clara e fazer a questão norteadora desse momento: Como a professora Clara planejou esse dia? Como ela poderia ter planejado de modo a tornar a rotina mais significativa para todos considerando as discussões sobre currículo? Após discussão de Clara, fazer os questionamentos que estão no slide. <u>DISCUSSÃO SOBRE ROTINA</u> Após essa primeira discussão sobre currículo e sobre as concepções presentes nos documentos oficiais, realizaremos um momento de síntese, retomando alguns aspectos relacionados à rotina que dialogam diretamente com a roda inicial, com o planejamento desse momento e com as reflexões construídas até aqui. O objetivo é evidenciar que a roda inicial, assim como	Apresentar materiais que serão utilizados (links, arquivos etc) Caderno 6 “Currículo e Linguagem na Educação Infantil” Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil Base Nacional Comum Curricular
11h15 às 11h30	Discussão de Clara e outras questões (15 min)		



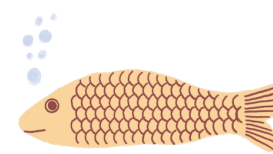
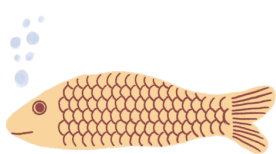
11h30 às 11h45	Retomada e fechamento de rotina e planejamen to: (15 min)	os demais momentos da , não acontece de forma espontânea ou desarticulada, mas é resultado de escolhas pedagógicas intencionais, fundamentadas em uma determinada concepção de infância, de aprendizagem e de currículo. Desse modo, retomaremos elementos já discutidos, articulando-os à organização da rotina como um espaço de interação, participação, construção de conhecimentos e garantia dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Em seguida, será apresentado um exemplo de rotina e um exemplo de planejamento, com o objetivo de evidenciar a relação entre esses dois instrumentos pedagógicos e, ao mesmo tempo, deixar claro que rotina e planejamento não são a mesma coisa. A rotina constitui a estrutura que organiza o dia da criança. É o “esqueleto” que distribui, ao longo da semana, os diferentes momentos que compõem o cotidiano da Educação Infantil, como a roda inicial, as brincadeiras, os momentos de investigação, o parque, lanche, a história e a roda final. Entretanto, a rotina, por si só, não garante a intencionalidade pedagógica. Ela organiza o tempo, mas não explicita o que será desenvolvido em cada um desses momentos. É justamente nesse ponto que entra o planejamento. Cada atividade prevista na rotina precisa ser planejada considerando os objetivos de aprendizagem, a proposta pedagógica da instituição, as experiências que serão proporcionadas às crianças, as mediações do professor e as estratégias que serão utilizadas. A roda inicial é um bom exemplo dessa relação. Ela faz parte da rotina e acontece todos os dias, mas o seu planejamento não deve ser o mesmo diariamente. A cada dia, as propostas podem assumir diferentes modos de acontecer conforme exemplos que foram dados anteriormente. Embora o momento da rotina permaneça o mesmo, o planejamento se modifica de acordo com os objetivos pedagógicos estabelecidos. Por isso, a rotina deve dialogar permanentemente com o planejamento. Ela oferece a estrutura sobre a qual o trabalho pedagógico será organizado, enquanto o planejamento atribui sentido, intencionalidade e qualidade às experiências vividas pelas crianças. Ao elaborar o planejamento de cada momento da rotina, o professor precisa considerar os quatro elementos que sustentam sua organização: o tempo, as atividades, os materiais e o espaço. Isso significa refletir sobre perguntas como: Que atividade será desenvolvida? Em que espaço ela acontecerá? Quais materiais serão necessários? Quanto tempo será destinado a essa proposta? É necessário providenciar algum material ou recurso diferenciado para garantir que a atividade seja acessível a todos? São essas definições que transformam uma rotina organizada em uma prática pedagógica intencional, coerente com a concepção de currículo defendida e comprometida com os direitos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças. <u>DOCUMENTO CURRICULAR DO ESTADO:</u> Somente apresentar o documento como um todo. Neste momento, destacaremos que, além das diretrizes (DCNEI) e a BNCC, o nosso estado dispõe de um documento curricular próprio, elaborado a partir desse referencial nacional, a BNCC. Esse documento constitui um importante subsídio para a construção do currículo e para a elaboração do planejamento pedagógico das instituições de Educação Infantil, dialogando com as especificidades e necessidades da realidade local. Não nos deteremos em sua análise, uma vez que se trata de um documento bastante extenso e que demandaria um tempo maior de estudo. No entanto, reforçamos a importância de que ele seja conhecido e apropriado por todos os profissionais da Educação Infantil, orientando sua leitura e consulta sempre que necessário.	
----------------------	---	--	--



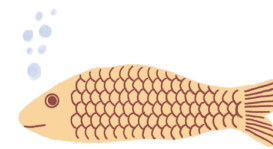
11h45 às 11h55	Document o do Estado: (10 min)	Essa recomendação torna-se ainda mais relevante para os municípios que ainda não possuem um documento curricular próprio, pois o documento curricular do estado pode servir como um importante referencial para orientar as práticas pedagógicas, subsidiar o planejamento e fortalecer a construção de um currículo coerente com os princípios da BNCC e com as especificidades da Educação Infantil. É possível estabelecer relações de aproximação entre o documento curricular do Estado do Rio Grande do Norte e as discussões sobre currículo engendradas no encontro e na Live. Como não é possível discutir todo o conteúdo do documento do Estado, explicar que faremos três recortes: INTERAÇÕES, BRINCADEIRA E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA, em função da sua centralidade no currículo; DIVERSIDADE E INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL, como um eixo que perpassa os demais e, em DIREITOS E OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO, abordaremos a oralidade, leitura e escrita em função do contexto formativo do ProLEEI. Para situar as professoras, mostrar o sumário do documento do Estado. Caso a maioria não tenha lido todo o documento e, em especial, as partes (recortes) que destacamos, é possível apresentar a síntese de cada recorte a partir dos slides subsequentes, uma vez que esses slides também ajudam a compreender as aproximações com as temáticas do programa. <u>Slide INTERAÇÕES, BRINCADEIRA E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA</u> - Brincadeiras e interações são centrais no currículo, ressaltar que o desenvolvimento infantil ocorre fundamentalmente nas interações sociais e nas brincadeiras, mediadas pelo outro e pela linguagem, destacando que a linguagem é central tanto para a comunicação quanto para a organização do pensamento, pois permite à criança significar o mundo por meio de signos historicamente construídos. É importante enfatizar que o brincar não é inato, mas uma prática cultural aprendida nas relações sociais, sendo considerado a atividade principal da infância não pela quantidade de tempo, mas por promover transformações decisivas no desenvolvimento psíquico. Por fim, deve-se evidenciar que a intervenção pedagógica precisa se situar na zona entre o que a criança já realiza de forma autônoma e aquilo que consegue fazer com o apoio de um adulto ou par mais experiente, potencializando assim suas aprendizagens e seu desenvolvimento. <u>Slide DIREITOS E OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO</u> - ressaltar que o trabalho pedagógico precisa criar situações reais e significativas de uso da linguagem, nas quais as crianças possam narrar, descrever, explicar, relatar, ouvir e argumentar, fortalecendo a oralidade. É importante destacar que esse processo se enriquece nas brincadeiras com parlendas, trava-línguas, adivinhas, rimas e cantigas de roda, valorizando as manifestações culturais locais e ampliando o repertório das crianças. Além disso, deve-se enfatizar a importância de um ambiente linguisticamente estimulador, com diversidade de materiais impressos e audiovisuais, que possibilitem à criança compreender as funções sociais da leitura e da escrita. Evidenciar o valor da escrita espontânea e funcional, incentivando as crianças, mesmo antes da leitura convencional, a explorar livros, interpretar imagens, imitar práticas leitoras e recontar histórias, destacando ainda o papel do professor como escriba, mediando e registrando as produções infantis. <u>Slide DIVERSIDADE E INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL</u> - ressaltar que todas as crianças, independentemente de suas particularidades intelectuais, emocionais, sensoriais ou físicas, têm potencial de aprender e se desenvolver, o que exige uma concepção de Educação Inclusiva como um princípio transversal que orienta todo o processo educativo, do planejamento à efetivação do currículo. É fundamental destacar a importância de reconhecer e valorizar as especificidades socioculturais presentes no contexto, como as comunidades quilombolas e indígenas do Rio Grande do Norte, cujos saberes e modos de vida	Documento Curricular do Estado do Rio Grande do Norte: Educação Infantil
----------------------	--	--	--



		precisam ser incorporados às práticas pedagógicas. Da mesma forma, deve-se enfatizar o respeito às crianças do campo, considerando seus tempos, rotinas e experiências vinculadas à vida rural como elementos essenciais para a construção de suas identidades, assegurando um currículo sensível à diversidade e comprometido com a equidade.	
--	--	--	--



11h55 às 12h	6. Encerramento (5 min)	6.1 Encerramento: Trecho do vídeo “A língua das Mariposas”. O filme é um excelente disparador para discutir currículo, rotina e planejamento, porque ele evidencia que o currículo não é apenas aquilo que está prescrito em documentos, mas aquilo que efetivamente acontece nas relações entre professor, crianças e conhecimento. A partir dele, é possível conduzir uma reflexão profunda com os professores. Currículo: o que realmente se ensina? O professor Don Gregório mostra que currículo não é uma lista de conteúdos a serem cumpridos. O currículo ganha vida nas experiências que ele proporciona às crianças, na forma como organiza o ambiente, nas perguntas que faz, nas investigações que propõe e na maneira como olha para cada estudante. Ele ensina ciências, linguagem, convivência, respeito, curiosidade, liberdade, ética e sensibilidade ao mesmo tempo. Ou seja, o currículo é vivido nas relações. Essa discussão dialoga diretamente com a concepção apresentada na Base Nacional Comum Curricular: o currículo se materializa nas experiências, nas interações e nas brincadeiras, e não apenas nos conteúdos. No filme, percebemos que existe uma organização do cotidiano escolar, mas ela não é rígida nem engessada. A rotina existe para organizar o dia, mas não limita as possibilidades de aprendizagem. Quando Don Gregorio percebe o interesse das crianças, ele muda o percurso da aula, leva a turma para fora da sala, observa a natureza, conversa, escuta. Isso mostra que a rotina organiza o trabalho, mas não pode impedir que experiências significativas aconteçam. O professor não improvisa. Embora pareça espontâneo, tudo o que faz possui intenção pedagógica. Quando leva as crianças para observar uma borboleta... Quando apresenta uma planta... Quando fala sobre uma mariposa... Quando conversa sobre o medo... Há sempre um objetivo. O planejamento aparece justamente nessa capacidade de transformar situações cotidianas em experiências de aprendizagem. Planejar significa pensar: * O que quero que as crianças aprendam? Como elas aprenderão? Que experiências vou proporcionar? Que perguntas farei? Como vou escutá-las? O papel do professor Talvez essa seja a maior contribuição do filme. Don Gregorio não ocupa o lugar daquele que transmite respostas. Ele ocupa o lugar daquele que desperta perguntas. Ele acredita nas crianças. Escuta. Observa. Respeita os tempos. Provoca a curiosidade. Medeia. Constrói conhecimento junto com elas. Esse professor compreende que ensinar não é encher uma criança de informações. É ajudá-la a olhar o mundo. Outro aspecto muito rico é perceber que o professor ensina o tempo inteiro, mesmo quando não está ensinando conteúdos (o que chamamos de Currículo Oculto). As crianças aprendem observando: como ele trata as pessoas; como resolve conflitos; como acolhe os erros; como exerce a autoridade; como demonstra respeito; como valoriza a curiosidade. O filme nos mostra que currículo, rotina e planejamento são inseparáveis. A rotina organiza o cotidiano da escola, o planejamento atribui intencionalidade a cada experiência e o currículo se concretiza naquilo que efetivamente as crianças vivem, sentem, descobrem e constroem ao longo dessas experiências. Não é o documento que faz o currículo acontecer, mas as escolhas pedagógicas realizadas pelo professor em cada momento do dia. Uma das maiores lições do filme é que o	
-----------------	---------------------------------------	--	--

[illegible]